

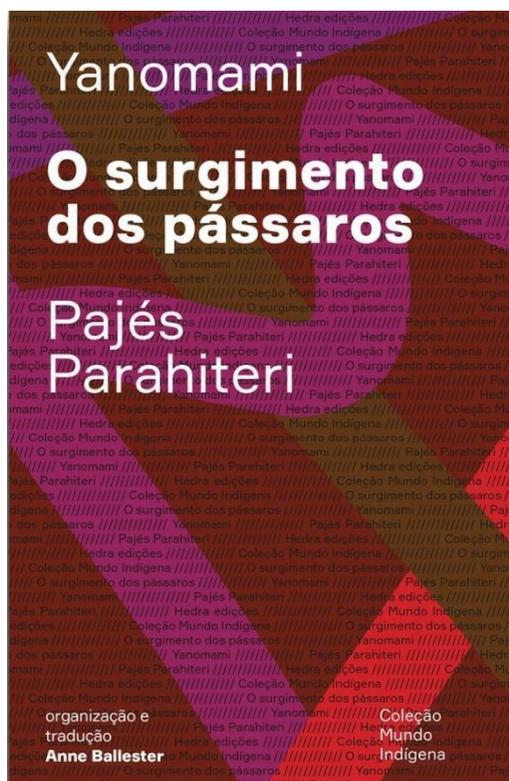
Os conhecimentos aprendidos nos tempos imemoriais pelos Parahiteri

Jardel Jesus Santos Rodrigues 

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

jardel.rodrigues@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe212565



PARAHITERI, Pajés. 2017. Naroriwë: o surgimento dos pássaros. Tradução de Anne Ballester Soares. São Paulo: Hedra, 132p.

Os mitos, em geral, evocam o tempo do surgimento do cosmos e das transformações dos seres. Não é incomum encontrar nas distintas narrativas míticas eventos que diferenciam os humanos dos animais, sendo os últimos especiados em distintas espécies, não obstante alguns deles — geralmente grandes predadores ou presas



e212565

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe212565>

— conservem ainda hoje humanidade enquanto fundo, como advoga o perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996; Viveiros de Castro, 2002). Além disso, os mitos descrevem o modo pelo qual os humanos adquiriram certos conhecimentos nos tempos imemoriais.

As contribuições dos mitos não se restringem a narrar eventos cósmicos, eles apontam para as lógicas sensíveis subjacentes ao pensamento ameríndio, afinal, a lógica do mito é ela própria a do pensamento. Nesse sentido, devemos a Claude Lévi-Strauss (1908-2009), autor da tetralogia *Mitológicas*, esta importante conclusão; além da contribuição citada acima, o antropólogo não relegou aos mitos o lugar de fantasias (re)produzida ao longo do tempo por gerações de povos originários.

Nesse sentido, o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* ([2010] 2015), obra escrita pelo xamã yanomami Davi Kopenawa em co-autoria com o antropólogo francês Bruce Albert¹, relembra à antropologia a potência da narrativa mítico-xamânica. A queda do céu é um manifesto cosmopolítico que por meio do discurso xamânico, que se confunde com o mítico, reúne uma polifonia de vozes — a dos xapiri e dos yanomami — traduzida em “pele de papel” para os napë, que também é utilizado designar inimigo e estrangeiro.

A resenha que ora apresento não é sobre as obras citadas acima, as referi tão somente para introduzir o leitor no universo de *Naroriwë*: o surgimento dos pássaros são integrante, livro de autoria dos pajés Parahiteri, subgrupo que compõe o povo yanomami, localizados no município de Barcelos-AM, no médio curso do rio Negro, nas proximidades do rio Demini, sendo falantes da língua xamatari ocidental, que juntamente com as línguas yanomae, ninam e sanuma compõem o tronco linguístico isolado a que elas estão vinculadas.

Naroriwë foi publicado em 2017, produzido a partir das gravações dos mitos narrados pelos pajés Parahiteri e traduzidas para língua portuguesa por diversas mentes². O livro resenhado é rico em detalhes, todos são relevantes para o desenrolar dos fatos, além de apresentar uma diversidade de exegese xamânicas. Organizado em 12 capítulos, sendo cada um deles escrito na língua xamatari e traduzido para a língua portuguesa, estratégia que permitiu a circulação da obra entre os *napë* (não indígenas) e as aldeias yanomami, especialmente entre os parahiteri. Outro fato relevante é que não há uma hierarquia entre os capítulos e não parece haver uma sequencialidade aparente entre eles, é possível lê-los separadamente sem grandes prejuízos, estas características de modo algum sugerem uma desorganização, que antes se dão pela autonomia que cada mito possui.

¹ Publicado originalmente em francês no ano de 2010 e traduzido para a língua portuguesa em 2015, por Beatriz Perrone-Moisés.

² Deste trabalho de gravação, transcrição e tradução que envolveu professores indígenas e pessoas não indígenas, a exemplo de Anne Ballester, foi editado em 2010 o livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tã ã* — história mitológica do grupo Parahiteri, que circula pelas aldeias que falam xamatari. Em 2013, a convite da editora Hedra, uma série de revisões, retraduições e reorganizações do material deu origem a este livro, que juntamente com os demais compõem — *Os comedores de terra, O surgimento da noite e a Árvore de cantos* — a tetralogia Yanomami da Coleção Mundos Indígenas publicada pela editora Hedra (2017).

O estilo narrativo de *Naroriwë* [...] conduz o consulente a uma série de conhecimentos adquiridos nos tempos primordiais, como evidenciar o conjunto mítico contado pelos pajés Parahiteri. Cronologicamente, o livro trata do tempo em que as transformações estavam em curso e os atributos considerados atualmente como humanos ainda não faziam parte da sociabilidade yanomami, antes pertenciam a uma miríade de seres mais que humanos, entre eles os animais e espíritos. Deste modo, somos conduzidos, paulatinamente, pelos pajés Parahiteri, a apreender o mundo como ele era e o que se tornou.

Não pretendo, igualmente, apresentar *Naroriwë* [...] em sua completude, tarefa que estaria fadada ao insucesso, por isso, avalio como produtivo direcionar a atenção para temas recorrentes dentro do conjunto mítico apresentados na referida obra: a aquisição de conhecimentos nos tempos primordiais e formação da sociabilidade pelos parahiteri. A obtenção do fogo e das etapas do rito fúnebre — choro coletivo e incineração dos ossos — são um dos exemplos dos conhecimentos apropriados pelos humanos durante o tempo das transformações

O primeiro ensinamento oferecido aos yanomami foi hábito de viver em casas coletivas, chamadas de *xapono* ou “casas-aldeias” (Benucci, 2020: 24), em torno do qual há um grupo local, formado por laços de parentesco entre os co-residentes. O Gavião mítico, definido por Benucci (2020) como ser-imagem — cujo nome para os parahiteri é *Wāhaawëteri* — foi o responsável por transmitir os diálogos cerimoniais ocorridos no *xapono*, denominado de *kawaamou*, na qual “o falante dirige o discurso ao povo do *xapono* para estimular e organizar atividades comunais, mas também compartilhar notícias, planos e conflitos” (Benucci, 2020: 175, grifo do autor).

Irara (também referido por *Nokohorateri*), o dono do veneno, foi o responsável por ensinar aos yanomami a técnica de soprar zarabatana até então desconhecida. O Feio (*Mucura*³), personagem mítico ciumento, avaro e com diversas feridas purulentas e fétidas espalhadas pelo corpo, o completo avesso do ideal de humano para os yanomami, recorreu ao dono do veneno para matar o seu irmão, Mel. Movido pela inveja e rancor do sucesso que ele fazia entre as mulheres, pois era belo e cheiroso, o ideal de beleza. Logo após ser atingido pelo veneno soprado pelo irmão fétido, Mel faleceu em sua rede, ao lado de suas esposas, instaurando a morte entre os humanos, que então a desconheciam.

Mel, o líder assassinado com o veneno, enquanto era vivo havia ensinado a suas esposas o cuidado com a roça. Após a sua morte, continuou indiretamente ensinando o seu povo, pois com o seu falecimento instituiu os protocolos concernente ao rito mortuário yanomami, a exemplo do choro fúnebre. Uma outra etapa do rito fúnebre adquirida nos tempos imemoriais é a cremação do morto, iniciada após o roubo do fogo primordial de seu dono, o jacaré; a esposa daquele a quem pertencia o fogo disse: “— Vocês pegaram a fogo, então vocês chorarão quando cremarem os seus mortos [...] o fogo derreterá seus olhos” (Pajés Parahiteri, 2017: 61). O fim das homenagens fúnebres yanomami se dá durante a festa intercomunitária do *reahu* (ritual mortuário), que terá culminância como o

³ Mucura é um nome para gambá, denominação condizente com o forte odor liberado pelo Feio.

choro fúnebre e o enterro das cinzas do morto, coberta por mingau de banana e terra (Limulja, 2019). O fogo primordial furtado do Jacaré-mítico, que o escondia em sua boca por ciúmes e avareza, permitiu alimentação dos yanomami que era deletéria, devido a inexistência da cocção, fosse cozida e assim representasse uma dieta propriamente humana. Anteriormente à aquisição do fogo para cocção dos alimentos, os yanomami eram acometidos por estados de tristeza e loucura, devido a dieta anti-humana.

O homicídio de Mel suscitou revolta não somente em suas mulheres, mas em uma série pássaros-gentes — “as araras, os tucanos, os urus, os inambus, os jacus, os urumutuns, os mutuns-de-traseiro-vermelho e os jacamins” (Pajés Parahiteri, 2017: 31) — que perseguiram *Mucuna* para ceifar-lhe a vida e a partir do sangue do perseguido se pintaram, este evento marcou a transformação dos pássaros-gente em animais e passaram a habitar a floresta. As transformações não se restringiram às gentes-bichos referidas, cutias, antas, entre outros seres, perderam a humanidade; os hábitos de viver em *xapono* e ter roças que outrora pertenciam a uma legião de gentes-bichos se tornaram restrito aos humanos. Os yanomami, que habitavam a floresta durante o tempo das transformações viraram quatis; somente os caititus que sempre tiveram a forma-imagem de animais, isto é, não passaram por nenhuma alteração ontológica.

O tema das transformações, naturalmente, é recorrente e demonstra a instabilidade ontológica encontrada nos tempos primordiais, no qual não havia operado a diferenciação entre humanos e animais. Os yanomami se transformaram em quatis, cupins, jacarés e peixe, sendo os motivos das alterações variadas, a exemplo do dilúvio.

O incidente o Escorpião e a Lua, cuja dieta basicamente consistia em devorar crianças. A lua canibal era um astro do sexo masculino e viva em *xapono*, isto é, ele ainda não havia subido aos céus. Certa feita, a Lua antropófaga se alimentou de dois filhos de *Paricá* — árvore cujas sementes os yanomami produzem um pó alucinógeno. Tomado pelo desejo de vingá-los, o *Paricá* oportunamente atingiu o assassino de seu filho com uma flecha⁴, logo após a Lua ter ingerido as cinzas dos restos mortais, que estava enterrada no meio do *xapono* (casa comunal). O sangue do astro-gente jorrava em todas as direções e se transformava em um tipo de gente feroz, que queria ser yanomami, tendo eles matando todos, inclusive o Escorpião e o *Paricá*, a exceção foi *Kasimi* e seu neto. Os Yanomami atuais são descendentes das gentes formadas a partir do sangue da Lua canibal, de acordo com os pajés Parahiteri, “isso se fez para nós brigarmos, para nós guerrear” (pajés Parahiteri, 2017: 110).

As flechas disparadas contra o astro-gente na tentativa de ceifar sua vida, se transformaram em espíritos, mas eles já existiam enquanto sujeito, viviam em casas comunais como os humanos e eram visíveis. Os espíritos, que são chamados de *xapiri*, ensinaram os yanomami a fazerem festa durante a estação da pupunha e a plantar alguns cultivares, como a banana-pacovã. Ademais, outro conhecimento acessado a partir do conflito entre Lua canibal e os irmãos *Paricá* e Escorpião foi o ato de guerrear.

⁴ Em alguns momentos da narrativa o *Paricá* aparece como sendo o genitor do rapaz que foi devorado pela lua canibal, em outros o genitor é o Escorpião, tendo ele atingido o homicida de seu filho com uma flecha.

Por fim, a leitura de *Naroriwë* conduz o leitor ao tempo das transformações e da conformação do mundo como ele é hoje. Cada mito narrado informa sobre os conhecimentos adquiridos pelos parahiteri — e de modo geral, yanomami — no tempo da indiferenciação, quando uma série de atributos hoje considerados humanos pertenciam a uma miríade de espíritos e animais.

Referências Bibliográficas

- BENUCCI, Thiago M. 2020. *O jeito yanomami de pendurar redes*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. [2010] 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIMULJA, Hanna Cibele Lins. 2019. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pya u – Toototopi)*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, no. 2: 115-144. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. [2002] 2020. “Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena”. In *A inconstância da alma selvagem*, 347-399. São Paulo: Ubu editora.

sobre o resenhista

Jardel Jesus Santos Rodrigues

Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisador associado junto ao Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB/UFBA) e ao Centro de Estudos Ameríndios (CEsTa/USP).

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Recebido em 30/05/2023.

Aprovado para publicação em 13/11/2023.